

Nietzsche e a questão do gênero: subjetividade e linguagem na crítica nietzschiana da natureza humana

Vinicius Souza de Paulo¹

RESUMO: A proposta tem como objetivo analisar o papel da linguagem na formação da subjetividade tendo como foco a questão do gênero na filosofia de Nietzsche, mais especificamente, sua concepção da natureza humana, tal como se dão nas sessões 230 e 231 de *Além do bem e do mal*, mediante o conceito de *homo natura* em sua implicação na questão do gênero. Em um primeiro momento faremos uma breve exposição sobre algumas interpretações acerca da questão do gênero e a noção de natureza em Nietzsche, argumentando que Nietzsche escapa de uma abordagem biologizante da natureza humana com a sua concepção de *homo natura*. Com isso, em um segundo momento demonstraremos que tal problemática caminha à par com a crítica de Nietzsche da subjetividade em sua intrínseca relação com a questão da linguagem argumentando que a questão de gênero em Nietzsche é diretamente relacionada com o seu perspectivismo e, nesse contexto, suas posições sobre o papel da linguagem na formação da subjetividade mostram-se fundamentais para uma compreensão mais ampla sobre o tema.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero. Subjetividade. Perspectivismo. Linguagem.

INTRODUÇÃO

No célebre aforismo 230 do capítulo 7 intitulado “Nossas virtudes” de *Além do bem e do mal*, Nietzsche evoca uma tarefa, “louca e estranha”, de “retraduzir o homem de volta à natureza” (NIETZSCHE, 2005, p. 124), que consistiria, em suma, em um “triunfar sobre as muitas interpretações e conotações vaidosas e exaltadas, que até o momento foram rabiscadas e pintadas sobre o eterno texto *homo natura*” (ibidem). Tal sentença se associa aos mais diversos termos semelhantes que Nietzsche se utiliza – não só nessa obra em questão, mas ao longo de toda a sua obra pública bem como nos fragmentos póstumos – que carregam uma imagem naturalista, que se beneficiam de conceitos e metáforas biológicas, que evocam toda uma linguagem típica das ciências naturais, tais como os termos fisiológico [*physiologischen*] e fisiologia [*Physiologie*] (e.g. Aforismos BM 13, 14, 15), também frases como as que aparecem no aforismo 62, em que Nietzsche destaca a animalidade do ser humano: “o homem é o *animal ainda não determinado*” (Ibid., p. 60). Essas diversas menções foram objeto de intenso debate desde as primeiras recepções da obra de Nietzsche, sob os mais variados aspectos, como as discussões entorno da questão da biologia natural com a doutrina da *vontade de poder* [*Wille zur Macht*], da relação entre os *quantas* e as discussões sobre fisiologia, sob o qual Wolfgang Müller-Lauter (2007) se debruçou pioneiramente. Diversos são os estudos também que, sobretudo, apontaram o real interesse de Nietzsche pelo desenvolvimento das ciências naturais

¹ Vinicius Souza de Paulo é doutorando em filosofia pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), bolsista financiado pela agência CAPES. Email: souza.vinicius23@unifesp.br

de sua época, que exploraram o contexto e as leituras que o filósofo fizera do tema ao longo de sua vida.² Tais discussões permanecem vivas ainda hoje no debate contemporâneo da obra nietzschiana e não são poucos os conflitos e discordâncias que esse debate trouxe e ainda traz à tona. Trabalhos como o de Brian Leiter, por exemplo, radicalizaram, de certa forma, o uso da parte de Nietzsche do vocabulário biológico.³ Diversos são, no entanto, os trabalhos que refutam direta e indiretamente tal redução.⁴

Esse breve resumo, muito longe pretender esgotar o debate serve como ilustração para uma discussão que se encontra no cerne desses temas mencionados até então e que também proporcionaram e proporcionam ainda hoje um enorme campo de múltiplas interpretações e divergências, a saber, a questão da mulher, mais especificamente a questão do gênero. O aforismo 230 de ABM se encontra na parte final do capítulo 7, “Nossas virtudes” e antecede precisamente uma série de aforismos que Nietzsche trata especificamente da questão da mulher ou, nas palavras do mesmo, das “verdades acerca da ‘mulher-em-si’”, as “‘minhas’ verdades” como ele escreve no aforismo 231, subsequente, que se mostra fundamental para a questão do gênero. Nele lemos:

Mas no fundo de todos nós, “lá embaixo”, existe algo que não aprende, um grânito de *fatum* [destino] espiritual, de decisões e respostas predeterminadas a seletas perguntas predeterminadas. Em todo problema cardinal fala um imutável “sou eu”; sobre o homem e a mulher, por exemplo, um pensador não pode aprender diversamente, mas somente aprender até o fim – descobrir inteiramente o que nele está “firmado” a esse respeito. (NIETZSCHE, 2005, p. 125).

Este trecho em particular toca no cerne da questão da natureza humana, e de maneira ainda mais enfática do gênero e é, com efeito, mediante esse aforismo que emergem diversas divergências e interpretações sobre o tema. O destaque para aquilo que Nietzsche coloca como um “grânito de *fatum*”, esse aspecto “predeterminado”, somado com a ênfase implícita que o filósofo dá sobre a questão do gênero, colocados então como um “problema cardinal”, ao ressaltar aquilo que está “firmado” sobre o homem e a mulher, deram margem para uma

2 Por exemplo, a coletânea “*Nietzsche and Science*” organizada por Gregory Moore e Thomas H. Brobjer (2004); e o trabalho mais recente, que busca investigar não só as bases históricas e o contexto das leituras e estudos que Nietzsche desenvolvera sobre o tema, mas exploram também as repercussões de tais temas no debate contemporâneo, intitulado: “*Nietzsches Wissenschaftsphilosophie: Hintergründe, Wirkungen und Aktualität*”, organizado por Helmut Heit, Günter Abel e Marco Brusotti (2011).

3 Em *Nietzsche on morality*, Leiter constrói o argumento de que o naturalismo de Nietzsche consiste em identificar o ser humano como um organismo natural em que atributos naturais podem ser acessados e casualmente explicados mediante a ciência natural empírica; aquilo que ele chama de o “naturalismo metodológico” de Nietzsche (LEITER, 2015, p. 5ss).

4 Destaco um artigo pioneiro de Marco Brusotti, na *Nietzsche-studien* com uma abordagem filológica de todo o capítulo sete da obra em questão (BRUSOTTI, 2010). Também uma obra mais recente de Laurence Lampert, intitulada *Nietzsche’s task, an interpretation of Beyond good and evil*, particularmente o capítulo 7 “Our Virtues”. (LAMPERT, 2001, p. 208). Outra fonte que aborda diretamente essa polêmica é encontrada também em um célebre artigo de *Helmut Heit*, traduzido e publicado no Brasil que é bastante contundente, ao meu ver, sobre essa polêmica. (HEIT, 2015).

longa discussão acerca de um elemento fixo, de algum substrato que fundamentaria a noção de gênero, como um aspecto biológico, de cunho essencialista anterior à cultura e a história. Toda essa série de aforismos sobre a mulher, que encerram o capítulo 7, todavia, somados a esses termos expressos neste trecho do 231 podem suscitar de fato, em alguma medida, uma ideia muito conservadora sobre o gênero e a mulher na filosofia nietzschiana e que acabam por entrar em conflito com as posições acerca da natureza humana num geral que em outros momentos Nietzsche parece ser não só contrário como crítico. É sobre essa questão que o pretendo texto pretende tratar brevemente. Em um primeiro momento faremos uma breve exposição sobre algumas interpretações acerca da questão do gênero e a noção de natureza em Nietzsche buscando demonstrar que a sua compreensão da natureza humana fornece o pano de fundo no qual suas teses sobre a questão de gênero podem ser delineadas e num segundo momento tentarei demonstrar que tal problemática caminha à par com a crítica de Nietzsche da subjetividade em sua intrínseca relação com a questão da linguagem, argumentando que a questão de gênero em Nietzsche se amplia se levarmos em conta tal crítica, possibilitando um caminho para uma compreensão mais ampla sobre o tema do gênero e da mulher em Nietzsche.

1 NIETZSCHE E A QUESTÃO DO GÊNERO

Desde as primeiras recepções do tema da mulher na filosofia de Nietzsche há um destaque para a tendência do filósofo em enfatizar um certo aspecto biológico da mulher, ressaltado pela ênfase no aspecto materno inerente ao feminino, tendo a gestação como uma característica essencial que em diversos níveis determinaria a extensão e o espaço da mulher na esfera de sua crítica cultural.⁵ Essa dita restrição da questão da mulher e todo esse vocabulário biológico colocava Nietzsche no campo de um conservadorismo típico das filosofias e das ciências naturais de sua época, fato que restringiu por muito tempo os seus textos sobre a questão, fazendo com que tais discussões fossem tidas como questões menores de pouca importância para o todo de sua filosofia, entendidos como desvios ou equívocos.⁶ É justamente

5 O pioneiro trabalho de Carol Diethé, *Nietzsche's woman: beyond the whip* (1996), por exemplo, resgata tal ênfase. Diethé também ressalta a influência que a filosofia nietzschiana exerceu nos movimentos feministas tanto de orientação emancipatória quanto de teor mais conservador, influenciando uma série de mulheres notórias de seu tempo, mulheres como Meta von Salis, Resa von Schirnhofer, Helen Zimmern, Louise Roder-Wiederhold, Helene Druskowitz, dais quais em alguns casos Nietzsche mantinha inclusive uma profunda relação de amizade. A influência de Nietzsche nesse ponto não se limita somente às relações pessoais com mulheres de seu tempo; como relata Julian Young, Nietzsche inspirou movimentos inteiros de emancipação feminista (YOUNG, 2010, p. 398). Nesse mesmo panorama, em um livro que analisa a recepção e repercussão da filosofia de Nietzsche ao longo da história, Ashley Woodward também se refere aos movimentos feministas inspirados por Nietzsche na Alemanha, citando alguns dos movimentos e suas principais expoentes (WOODWARD, 2016, p. 214). Dentre as pensadoras de mais renome, citadas por ele, estão Lily Braum (1865-1916); Helene Stocker (1869-1943); Hedwig Dohm (1831-1919); Mary Wigman (1886-1973) e Isadora Duncan (1877- 1927). Para uma abordagem mais aprofundada dessa relação de Nietzsche com as mulheres de seu tempo e a influência de sua filosofia nos primeiros movimentos de emancipação, cf. (DIETHE, 1996b); (PATTON, 1993); e (OLIVER; PEARSALL, 1998).

6 Sobre esse ponto conferir o brilhante primeiro capítulo de Scarlett Marton que ambienta de maneira extensa as recepções do tema na filosofia de Nietzsche em sua mais recente obra "Nietzsche e as mulheres" (2022).

essa problemática que é ressaltada em algumas pesquisas voltadas especificamente sobre o tema.

Um dos trabalhos significativos, no que diz respeito propriamente à questão da natureza, dos aspectos biológicos em debate com relação ao gênero, é um artigo de Annemarie Pieper, “Nietzsche e a questão do gênero” [*Nietzsche und die Geschlechterfrage*], que se encontra em uma coletânea pioneira da *Nietzsche-Studien*, que aborda o tema da mulher em Nietzsche. Pieper inicia sua argumentação justamente colocando em foco a questão entre natureza e cultura, destacando que a questão feminista fora, em grande medida, impulsionada historicamente por esse embate, sintetizadas por ela nos seguintes questionamentos: o que fundamentaria a diferença entre homens e mulheres? Há um predomínio da biologia ou do aspecto histórico-cultural? Tais questões, longe de ser marginais à obra nietzschiana, tocam precisamente no núcleo onde o seu pensamento mostra-se mais frutífero, dado que a questão da dualidade entre biologia e cultura é um dos temas mais relevantes da crítica nietzschiana da cultura e da moral e constitui como uma das novidades de sua abordagem sobre a natureza humana.⁷

Para Pieper, Nietzsche queria substituir o velho padrão ontológico de interpretação da natureza, da *physis*, por aquilo que ela chama de um “construtivismo perspectivístico” [*perspektivischen konstruktivismus*] (PIEPER, 2012, p. 53). Para Pieper “o perspectivismo de Nietzsche não permite uma superperspectiva”⁸ (Ibid., p. 59); não há, portanto, um ponto de vista absoluto a partir do qual uma determinada perspectiva possa ser distinguida como a única perspectiva verdadeira e correta. Não há, portanto, nenhuma condição substancial que validaria uma visão biologizante, enquanto um dado fixo nato, dado que todo o acesso que temos acerca do humano é sempre perspectivístico, não há fatos, somente interpretações.⁹ Nesse sentido, de acordo com Pieper, a compreensão de Nietzsche sobre a natureza fornece o estofo sobre a qual as suas teses acerca da questão do gênero em geral e sobre o papel das mulheres em particular podem ser delineados (Ibid., p. 61).

Pieper defende, todavia, uma distinção entre a noção de sexo e a noção de gênero; o sexo, seria uma primeira “natureza não adulterada” [*unverfälschte Natur*], que se distingue do gênero que seria algo que ela chama de “segunda natureza”, algo treinado socialmente, desenvolvido pela história por meio da violência, da subjugação e da educação, de medidas educacionais [*durch Gewaltmittel und Erziehungsmaßnahmen antrainierte Natur*] (PIEPER, 2012, p. 62). De acordo com a interpretação de Pieper, essa “natureza não adulterada” seria algo constante para nós, o que influencia decisivamente a identidade inconfundível de um indivíduo. É isso que ela interpreta do termo “granito” do aforismo 231, este “granito” resiste a todas as sobreposições biológicas e culturais porque, para ela, é demasiado difícil para que qualquer “escrita” seja “gravada” nele. O que não ocorre com os papéis de gênero, através dos

7 Para uma abordagem específica sobre essa questão Cf. (FREZZATTI Jr., 2000).

8 Todas as traduções ao longo do texto são de nossa autoria. O trecho no original: “*Nietzsches Perspektivismus lässt keine Superperspektive zu*”.

9 Cf. Fragmento póstumo 7[60] de 1886-87.

quais foram atribuídos significados sociais variáveis que uniformizavam o comportamento individual de acordo com o espírito dos tempos. Entretanto, para Pieper, sexo nesse sentido está ligado, acima de tudo, a noção de sexualidade, de impulsos sexuais, sendo assim, pertence à natureza não adulterada do homem que ele é um ser sexual e, como tal, tem necessidades materiais, contra cujo desrespeito por parte dos pregadores ascéticos idealistas Nietzsche polemiza ao longo da sua vida. Portanto, se excluirmos todas as ideologias que depreciam o sensual, o que resta é um potencial natural de forças e aspirações em que os componentes racionais, emotivos e afetivos competem uns com os outros e disputam a supremacia um dos outros, logo, não se trata de um elemento substancial ou fixo, o sexo aqui seria algo em constante mudança, que no conflito sempre se mantém em movimento, aberto.

Toda essa problemática é ressaltada de uma forma muito completa no trabalho mais recente de Vanessa Lemm intitulado *Homo Natura: Nietzsche, Philosophical Anthropology and Biopolitics* (2020); nele Lemm busca reconstruir o significado do *homo natura* nietzschiano através de uma vasta interlocução com as principais interpretações do tema, ressaltando a importância do tema no debate sobre biopolítica.

Especificamente sobre a questão do gênero, da sexualidade e da mulher, encontramos no capítulo 4 da obra em questão, intitulado *Biopolitics, Sexuality, and Social Transformation*, uma ampla abordagem do tema que destaca que o projeto de renaturalização do ser humano em Nietzsche está diretamente relacionado com a afirmação da sexualidade. Segundo Lemm: “Natureza sexual como Nietzsche a concebe não é um dado biológico que predetermina a funcionalidade de nossos corpos. Ao contrário, a realização da sexualidade incorpora [*embodies*] a tarefa de ‘tornar-se o que se é’ ao retornar a natureza ao caos dos impulsos [*drives*]¹⁰ (Ibidem.). É neste sentido que de acordo com Lemm “é possível afirmar que para Nietzsche a diferença sexual é anterior a qualquer construção social ou simbólica, mas não no sentido de que ‘sexo’ (em certo aspecto) é de alguma forma um dado ‘natural’ (em oposição a uma construção ‘cultural’).” (Ibid., p. 113). Lemm demonstra que a “eterna guerra entre os sexos” segue o mesmo prisma que a natureza para Nietzsche, é guiado pela mesma dinâmica:

Natureza é acontecer ininterrupto, algo que dá origem a si mesmo a partir de si mesmo. A subjacente força do eterno ciclo da vida da natureza é o combate ou a guerra entre opostos, como na guerra entre os sexos. Os opostos, no entanto, não são concebidos como absolutos, mas como mudança e abertura [*shifting and open-ended*]. É uma relação transformativa em vez de uma relação fixa dualista entre polos opostos. Consequentemente, oposições nunca são estritas ou absolutas, mas sim transitórias e em si mesmas em movimento. (LEMM, 2020, p. 155).

10 O termo em inglês *drive* remete, não sem intenção, a psicanálise de Freud. Sobre o tema Cf. (LEMM, 2020b). Neste artigo Vanessa Lemm afirma que: “o *homo natura* de Nietzsche e Freud reflete uma concepção da natureza humana segundo a qual ela se encontra implicada num processo de (auto) transformação cultural. Em suma, tanto Nietzsche como Freud advogam uma recuperação dos impulsos naturais do ser humano, com o propósito de superar os conceitos falsos sobre si mesmo produzidos pela civilização e de cultivar uma humanidade mais genuína e natural”. (p. 31).

Daí a necessidade e ênfase no “retorno à natureza”, que de acordo com essas interpretações seriam, acima de tudo, um retorno à sexualidade, ao corpo.

Dentro desse contexto, há, com efeito, um tema na filosofia nietzschiana que se relaciona de uma forma muito peculiar com essas questões concernentes à natureza humana, à formação do indivíduo e que, sob diversos aspectos, dialoga também com esse cenário das ciências naturais contemporâneas a Nietzsche, sobre o qual a questão de gênero se vê inserida, a saber, o problema da linguagem, ou mais especificamente a formação da subjetividade, da noção de sujeito, em sua relação indissociável com a crítica da linguagem em Nietzsche. Essa abordagem, que até então é uma via muito pouco articulada com tema, abre o horizonte para o problema de gênero na filosofia nietzschiana e amplia, sobretudo, o debate aberto pela discussão acerca da natureza humana.

2 GÊNERO, SUBJETIVIDADE E LINGUAGEM

O problema da relação entre sujeito e razão, entre subjetividade e identidade é um tema muito explorado na *Nietzsche-Forschung*, tal como a relação muito latente entre esses temas com o problema da linguagem, ou seja, a indissociável relação entre e a questão da subjetividade, da consciência com a crítica da gramática, no plano da linguagem e da comunicação.¹¹ Este movimento é evidenciado, por exemplo, no célebre trecho da sessão 13 da primeira dissertação da *Genealogia da moral* onde lê-se: “não existe um tal substrato; não existe ‘ser’ por trás do fazer, do atuar, do devir; ‘o agente’ é uma ficção acrescentada à ação – a ação é tudo” (NIETZSCHE, 2009, p. 33). Toda a concepção metafísica moderna do sujeito que postula substratos à ação são, por conseguinte, uma ficção segundo Nietzsche, uma fixação gramático conceitual de um estado arbitrário, é algo que se dá “pelo destaque de um elemento do processo e pela subtração de todos os outros, uma retificação artificial com a finalidade de tornar compreensível”.¹² (NIETZSCHE, 2012, p. 42).¹³

11 Destaco a significativa e importante coletânea *Nietzsche and the Problem of Subjectivity* (CONSTÂNCIO, BRANCO, RYAN, 2015).

12 Fragmento póstumo 11[113].

13 Destaca-se sobre esse ponto em específico, de maneira mais significativa, a abordagem de Judith Butler e a sua interpretação da “metafísica do sujeito” que, sob uma ótica foucaultiana, parte das reflexões de Nietzsche tal como se ela se dá justamente em GM para questionar a noção tradicional de gênero. Essa aproximação é acentuada na sessão “Identidade, sexo e a metafísica da substância”, na qual Butler parte de uma crítica da herança metafísica substancial da noção de gênero, enquanto atributo permanente, questionando a ficcionalidade de tal substancialização como um processo arbitrário, compulsório, inserido na ilusão de um princípio causal. É nesse momento de seu texto que Butler se apoia na crítica nietzschiana formulada n’A *genealogia da moral*: “No desafio de repensar as categorias do gênero fora da metafísica da substância, é mister considerar a relevância da afirmação de Nietzsche, em A *genealogia da moral*, de que não há ‘ser’ por trás do fazer, do realizar e do tornar-se; o ‘fazedor’ é uma mera ficção acrescentada à obra — a obra é tudo”. (BUTLER, 2003, p. 48). Sobre essa questão Cf. (NIJENSOHN, 2015).

Também o papel da linguagem no interior do problema da consciência, da formação do sujeito, aparece em diversos trechos ao longo da obra de Nietzsche¹⁴ e, com efeito, é formulado de uma forma mais ampla em um célebre aforismo d'A *Gaia Ciência*, o 354, intitulado *Do gênio da espécie*, que fala sobre o "problema da consciência" (NIETZSCHE, 2012b, p. 221). Como resume oportunamente Oswaldo Giacoia:

A argumentação de Nietzsche desdobra-se numa gênese simultânea da consciência, sociabilidade, linguagem e comunicação. [...] Por conseguinte, a consciência, assim como a linguagem que forma e informa os processos conscientes, representa apenas o recorte mediano, o comum, o comunicável, o social. A consciência é a qualidade dos processos psíquicos dos quais está ausente o estritamente singular, individual e único. Como os conceitos – noções comuns na base da atividade racional –, os fenômenos conscientes se estruturam em função da necessidade de comunicação, de modo que neles se expressa apenas o comunicável, que é produto da igualação do desigual, da supressão das diferenças, da abstração formada a partir do que é comum a muitos. (GIACOIA Jr. 2018, p. 181).

Daí todo o problema de uma racionalização a-histórica e universal do pensamento que negligencia, com efeito, a multiplicidade de perspectivas e interpretações em prol de uma ilusória universalidade que emprega, em conceitos semânticos, uma unidade que não se efetua se não como redução e empobrecimento das possibilidades da vida pulsante. Daí toda esterilidade do vocabulário metafísico, de toda filosofia dogmática. Assim como, em certa medida, do problema entorno das interpretações que buscam dar um substrato fixo para os termos naturalísticos e biológicos que se apresentam no texto nietzschiano.

Dessa forma, toda a formação do sujeito, independente do fato de ser homem ou mulher, se vê inserida nessa dinâmica relacional que envolve linguagem e sociabilidade. Como defende Óscar Quejido:

A crítica radical ao essencialismo metafísico que Nietzsche realizou supõe esta ideia que [...] perpassa todo o seu pensamento nos diferentes níveis em que se desenvolve: para Nietzsche não há nada em si fixo, isto é, fora de condições ou relacionamentos. A ocorrência de qualquer coisa, de cada elemento, não é, do ponto de vista ontológico, independente e autossuficiente como é para a metafísica essencialista, mas sim, poderíamos dizer, o "ser" de algo (seu dar-se à existência) [*su darse a la existencia*] depende sempre da relação mútua com o outro, com o que não é si mesmo. (QUEJIDO, 2016, p. 124).

14 Tal como se dá, por exemplo, em um fragmento póstumo de abril, junho 1885, 34[86] (NIETZSCHE, 2015, p. 414). Também em *O crepúsculo dos ídolos*, no capítulo *A razão na filosofia*, semelhante tese é ampliada (NIETZSCHE, 2014, p. 28).

Nesse sentido, a questão do gênero encontra-se inserida neste mesmo plano relacional, como um elemento que desenvolve enquanto construção histórica mediante o processo de formação da subjetividade, na dinâmica entre sociabilidade, linguagem e comunicação, no fluxo de vontades e embates perspectivos e interpretativos enredados nas armadilhas da linguagem. O gênero torna-se, portanto, um exemplo muito significativo do processo contido na crítica nietzschiana da subjetividade, em toda a sua complexidade e extensão, enquanto redução semântica que superficializa dinâmicas complexas do corpo e da vida. Daí a opacidade de todo conceito de “mulher” e de “homem” e todo o problema contido nos reducionismos biológicos que afirmam o mesmo como dados brutos naturais, fixos, que na verdade nada mais fazem do que reduzir toda a gama de possibilidades do animal humano em signos superficiais estabelecidos mediante valores dominantes condicionados ao longo da história.

CONCLUSÃO

A partir dessa breve exposição concluímos que a questão do gênero surge no interior da filosofia nietzschiana como um local particularmente fecundo para essa discussão, que relaciona indissociavelmente gênero, subjetividade, linguagem e interpretação, englobando assim a tensão necessária a todo processo criativo de renovação, de transformação do animal humano e ressalta toda a esfera da sexualidade, da sensualidade e do valor do corpo e da vida recolocando sob novo prisma o problema da subjetividade, da formação de novas perspectivas para a identidade individual do animal humano, mantendo-o sempre em abertura, para além das formas fixas da gramática conceitual engessada que impera na lógica cientificista e ascética da modernidade, apresentando-se, portanto, como um caminho fundamental para a transformação, ou em termos nietzschianos, para a transvaloração da imagem decadente do humano.

Por fim, para além, é claro, de todas as possibilidades de diálogo que este tema abarca para uma discussão específica no âmbito dos estudos feministas, tal como ela já ocorre, sob diversos aspectos distintos, em alguns trabalhos, tais como o de Judith Butler, tal tema apresenta-se como um veículo fundamental para a ampliação do problema da subjetividade, da relação entre perspectivismo, linguagem e interpretação, na própria pesquisa Nietzsche, que por muito tempo negligenciou a questão da mulher e do gênero.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BROBJER, Thomas H., MOORE, Gregory. *Nietzsche and Science*. London/New York: Routledge, 2004.

BRUSOTTI, Marco. “der schreckliche Grundtext homo natura” – Texturen des Natürlichen im Aphorismus 230 von Jenseits von Gut und Böse. *Texturen des Denkens: Nietzsches Inszenierung der Philosophie*. In “*Jenseits von Gut und Böse*”, editado por Marcus Andreas Born e Axel Pichler. pp. 259-278. Berlin, Boston: De Gruyter, 2013.

- CONSTÂNCIO, João; BRANCO, Maria João Mayer; RYAN, Bartholomew (Org.). *Nietzsche and the Problem of Subjectivity*. Berlin/Boston: Walter de Gruyter, 2015.
- DIETHE, Carol. *Nietzsche's women: beyond the whip*. Berlin; New York: de Gruyter, 1996.
- DIETHE, Carol. Nietzsche and the Early German Feminists. *Journal of Nietzsche Studies*, vol.12, p. 69-81, 1996b.
- FREZZATTI JUNIOR, W. A. *A superação da dualidade cultura-biologia na filosofia de Nietzsche*. Tempo da Ciência, [S. l.], v. 11, n. 22, p. 115-135, 2000.
- GIACCOIA Jr. Oswaldo. *Agamben: Por uma ética da vergonha e do resto*. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- HEIT, Helmut; ABEL, Günter; BRUSOTTI, Marco. *Nietzsches Wissenschaftsphilosophie: Hintergründe, Wirkungen und Aktualität*. Berlin, Boston: De Gruyter, 2011.
- HEIT, Helmut. Perspectivas naturalizantes de Nietzsche em "Além do bem e do mal". *Dissertatio*. Volume Suplementar 2, pp. 229-255, 2015.
- LAMPERT, Laurence. *Nietzsche's task: an interpretation of Beyond good and evil*. New Haven/London: Yale University Press, 2001.
- LEITER, Brian. *Nietzsche on Morality*. Second Edition. New York/London: Routledge, 2015.
- LEMM, Vanessa. *Homo Natura: Nietzsche, Philosophical Anthropology and Biopolitics*. Edinburgh: Edinburgh University Press Ltd, 2020.
- LEMM, Vanessa. Natureza, caos e transformação: para uma antropologia filosófica transformadora. *Cad. Nietzsche*, Guarulhos/Porto Seguro, v.41, n.3, setembro-dezembro 2020b.
- MARTON, Scarlett. *Nietzsche e as mulheres: figuras, imagens e tipos femininos*. BeloHorizonte: Autêntica, 2022.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Fragmentos póstumos: 1887-1889: volume VII*. Tradução de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Tradução Paulo César de Souza, 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012b.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos Ídolos, ou como se filosofa com o martelo*. Tradução de Jorge Luiz Viesenteiner Petrópolis: Vozes de Bolso, 2014.
- NIJENSOHN, Malena. *Política y feminismo o sobre cómo se llega a ser lo que (no) se es. Una lectura cruzada de las filosofías de Friedrich Nietzsche y Judith Butler*. La Cebra; Instantes y Azares. Escrituras nietzscheanas. n. 15-16, p. 113-126, 2015.
- OLIVER, Kelly; PEARSALL, Marilyn. (Orgs.). *Feminist interpretations of Friedrich Nietzsche*. Pennsylvania: Pennsylvania State University Press, 1998.
- PATTON, Paul (Org.). *Nietzsche, Feminism and Political Theory*. London: Routledge, 1993.
- PIEPER, Annemarie. *Nietzsche und die Geschlechterfrage*. *Nietzscheforschung*. 19(1), p. 53-63, 2012.

QUEJIDO, Óscar. La construcción relacional de la subjetividad en Nietzsche: hacia nuevas perspectivas políticas. *Tesis Doctoral*. Madrid: Universidad Complutense de Madrid, 2016.

YOUNG, Julian. *Friedrich Nietzsche: A Philosophical Biography*. Cambridge University Press, 2010.

WOTTLING, Patrick. *Nietzsche e o problema da civilização*. São Paulo: Bacarolla, 2013.

WOODWARD, Ashley. *Nietzschianismo*. Tradução de Diego Kosbiau Trevisa. Petrópolis: Vozes, 2016.